

Uma hermenêutica baseada no conceito de vivência diltheyano

A hermeneutics based on the concept of Diltheyan experience

José Roberto Limas da Silva¹

Resumo. O presente artigo se propõe, preliminarmente, a analisar os paradigmas hermenêuticos, tradicionalmente, adotados pelas igrejas cristãs, especialmente, as reformadas. Após breve recensão histórica destes métodos, apresentará a hermenêutica fenomenológica compreensiva de Wilhelm Dilthey, demonstrando a sua influência no rompimento com a abordagem naturalista/historicista do positivismo. Nosso texto vai lembrar que, na construção de uma nova abordagem metodológica, no âmbito das ciências sociais, Dilthey vai demonstrar a pertinência de um novo paradigma, que seja liberto do velho padrão racionalista, engessado pelo objetivismo mecanicista. A perspectiva diltheyana é a de uma hermenêutica compreensiva, baseado na vivência e na comunhão entre objeto e sujeito. Este artigo propõe esta abordagem compreensiva/vivencial como prática exegética/hermenêutica² dos textos bíblicos, como um modelo interpretativo complementar aos paradigmas hermenêuticos tradicionais.

Palavras-chave: Hermenêutica, Dilthey, Paradigmas Hermenêuticos, Vivência.

Abstract. This text proposes preliminarily analyze the hermeneutical paradigms traditionally adopted by the Christian churches, especially the

Artigo recebido em: 23 ago. 2016

Aprovado em: 21 dez. 2017

¹Mestrando da faculdade Unida – Vitória/ES. Bacharel em Teologia e Administração, Graduando em Geografia.

²Os termos Hermenêutica e Exegese são usados neste artigo de forma intercambiável, sempre com o sentido de explicação e interpretação do texto.

Reformed . After a brief historical critical review of these methods , will present a comprehensive phenomenological hermeneutics of Wilhelm Dilthey , demonstrating their influence on the break with the naturalist / historicist approach of positivism . In building a new methodological approach in the social sciences, Dilthey will demonstrate the relevance of a new paradigm that is free of the old rationalist pattern cast by mechanistic objectivism. The diltheyana proposal is a comprehensive hermeneutics, based on experience and fellowship between object and subject . This comprehensive / experiential approach will be proposed as exegetical practice of the biblical text , as a complement to traditional hermeneutical interpretive model paradigms.

Keywords : hermeneutics, Dilthey, Paradigms Hermeneutical, Experience

*Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.*³

Introdução

As primeiras considerações sobre hermenêutica pertencem ao universo da filosofia grega. Podemos situar suas origens desde “a antiguidade clássica, sendo Platão (427 a.c), um dos primeiros a utilizá-la”.⁴ No seu desenvolvimento a hermenêutica ganha dois viés, o teológico e o filosófico que irão se distanciar, efetivamente, a partir do desenvolvimento das Ciências Sociais, no século XIX.

O vocábulo hermenêutica é um aportuguesamento da palavra grega *hermeneutes* (εἰρμηνευτής), que quer dizer intérprete, enquanto o verbo *hermeneuo* (εἰρμηνεύω) significa eu interpreto/traduzo/significo. A hermenêutica

³ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia Sagrada – Carta aos Hebreus*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, capítulo 4, versículo 12.

⁴Rosa Mendonça de Brito e tal. A hermenêutica e o processo de construção do conhecimento. *Revista Dialógica*, vol.1, n.3, 2007, p. 1 – 12.

antiga e medieval está inevitavelmente associada à interpretação de textos de tradição judaico/cristã, sobretudo pelo desenvolvimento da igreja cristã no ocidente. Não obstante, a partir do iluminismo, a hermenêutica procura em ambos os terrenos, da tradição, tanto para a literatura como para a Bíblia pôr a descoberto o sentido original dos textos (...).”⁵

Nossa abordagem, entretanto, se deterá no desenvolvimento da hermenêutica a partir do século XIX, sobretudo, nas relações estabelecidas com outras Ciências Sociais. O que propomos é construir uma relação dos métodos interpretativos das Escrituras Judaico/Cristãs com a hermenêutica diltheyana, consagrada no método compreensivo. A hermenêutica bíblica do século XIX era tributária de dois métodos, basicamente: o histórico-gramatical e o crítico-histórico. Os métodos de viés mais subjetivo como o alegórico não gozavam de grande aceitação, neste período, em face de sua abordagem pouco objetiva/racionalista.

1. Contexto teológico/eclesiástico dos métodos gramático-histórico e crítico-histórico – pano de fundo para uma nova abordagem hermenêutica.

Situando os dois métodos (histórico-gramatical e o crítico-histórico) no contexto eclesiástico-teológico, percebe-se que o primeiro gozava de aceitação no círculo das igrejas reformadas desde o século XVI, entretanto, na segunda metade do século XIX, com a hegemonia do positivismo e sua abordagem racionalista/objetivista, ele perde espaço no contexto acadêmico. O segundo método (crítico-histórico) tem sua gênese no final do século XIX, com uma proposta hermenêutica de investigação racional do texto, sem pressupostos revelacionais, ou seja, “separando a investigação

⁵GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método - Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica. Petrópolis, Vozes, 1997, p. 274.

do pensamento de qualquer referência a Deus e á revelação sobrenatural”⁶.

A hermenêutica crítica, consagrada pelo método histórico-crítico vai dominar a produção hermenêutica/teológica da virada do século XIX e, sobretudo, as primeiras décadas do século XX. Não obstante, esta supremacia teológica/hermenêutica liberal (crítica), deste período, no âmbito das ciências sociais, vemos germinar uma nova abordagem hermenêutica, reacionária e revolucionária. Wilhelm Dilthey, filósofo alemão (1833 – 1911), lança sua obra *Introdução às Ciências Sociais*⁷, onde ele questiona a metodologia explicativa/objetiva/racionalista das ciências naturais, que fora assumida pelas ciências sociais, a fim de dar legitimidade ao seu estatuto de científico.

Dilthey vai inaugurar uma nova forma de interpretar o objeto/texto/fenômeno, propondo que a compreensão deste só é possível mediante a comunhão entre o objeto e o sujeito. A hermenêutica do método crítico-histórico é abstracionista, mas a proposta de Dilthey é vivencial/imanente. Para Dilthey, a vivência é um saber imediato e acessível, pois está internalizado no indivíduo. Por isto, a crença religiosa, segundo Dilthey não pode ser “suportada pelo raciocínio, nem pode ser refutada por ele”⁸, uma vez que este conhecimento não é construído a partir de uma racionalização, como também não pode ser negado, mediante reflexão racional. “Por isso se abandonarmos o campo da experiência, não estamos lidando senão com conceitos inventados, mas não com a realidade.”⁹

Neste sentido, Dilthey não admite interpretação mediante isolamento do objeto/texto/fenômeno. Sua abordagem marca o rompimento histórico da abordagem explicativa positivista (própria das ciências naturais), no âmbito das ciências sociais. Dilthey não concorda com a ideia

⁶ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à Hermenêutica Reformada*. Ananindeua, Knox Publicações, 2006.

⁷DILTHEY, Wilhelm . *Introduction to Human Sciences (1883)*. Principal obra de Dilthey, onde ele estabelece as bases filosóficas das ciências humanas e introduz o conceito de vivência.

⁸DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2010, p. 163.

⁹DILTHEY, 2010, p. 421.

mecanicista e exatista da vida, proposta pelas ciências naturais, e estendida às ciências humanas. Por isso ele vai aprofundar o debate, sempre em busca de uma conexão entre o objeto e o mundo subjetivo do pesquisador.

Naturalmente que esta abordagem mais fenomenológica das Ciências Sociais, não chegou imediatamente aos círculos hermenêuticos bíblicos/teológicos, tendo em vista que os aparatos eclesiásticos são mais resistentes à mudanças bruscas. Dilthey, Edmund Husserl e Martin Heidegger vão abalar as estruturas metodológicas das Ciências Sociais, especialmente, da filosofia e da sociologia, com alguns respingos nas Ciências da Religião, mormente, nas abordagens de Rudolf Otto¹⁰, Mírcea Eliade¹¹ e Van der Leeuw¹².

Seguindo este descompasso temporal entre a hermenêutica bíblica/teológica com a hermenêutica das Ciências Sociais, vemos a partir da década de 60 do século XX, um novo sopro de mudanças, especialmente, na abordagem hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur. Gadamer vai alavancar o conceito de vivência de Dilthey e a fenomenologia transcendental de Husserl¹³, propondo que o significado de um texto vai além da intenção do autor, sendo que

A norma para a compreensão de um livro não seria, de modo algum, a intenção do autor. Pois, como os homens não são capazes de abranger tudo com sua visão, assim suas palavras, discursos e escritos podem

¹⁰Rudolf Otto foi um importante teólogo alemão, autor do livro *O Sagrado* (1917), que é o marco inaugural da escola fenomenológica das Ciências da Religião;

¹¹Mírcea Eliade é um filósofo romeno, nascido em 1907, considerado, juntamente com Rudolf Otto um dos principais fenomenólogos das Ciências da Religião. É autor de obras importantes na área de Ciências da Religião, como *o Sagrado e o Profano – A essências das religiões*.

¹²Gerardus van der Leeuw, nascido em 1890, historiador e filósofo da religião, um dos precursores da abordagem fenomenológica da Ciência da Religião (influenciado por Edmund Husserl).

¹³A Fenomenologia Transcendental de Husserl é a proposta de estudar o fenômeno com um rigor radical, a ponto de encontrar a essência (eidética) deste, através de uma suspensão de todo juízo ou conhecimento prévio (epoché). Esta abordagem vai colocar em cheque a validade do método explicativo/objetivista de todas as ciências, que até, então, operavam no modelo cartesiano.

significar algo que eles próprios não tiveram a intenção de dizer ou de escrever', e, portanto, 'quando se busca compreender seus escritos pode-se chegar a pensar, e com razão, em coisas que aos autores não ocorreria'.¹⁴

Ricoeur vai intensificar a hegemonia do texto sobre o autor, assumindo que o texto é totalmente autônomo em relação ao autor, tanto que um leitor contemporâneo seria livre para emprestar a um texto antigo o significado que lhe convier. Ele assume que

a escrita torna o texto autônomo relativamente à intenção do autor. O que o texto significa, não coincide mais com aquilo que o autor quis dizer. Significação verbal, vale dizer, textual, e significação mental, ou seja, psicológica, são doravante destinos diferentes.¹⁵

Feita esta breve digressão histórica da hermenêutica, tanto na esfera secular quanto na religiosa, ater-nos-emos à proposta de uma abordagem hermenêutica, dentro do conceito de vivência de Dilthey. Faremos isto por reconhecer que, no caso do Brasil, ainda há um predomínio de uma abordagem hermenêutica/exegética essencialmente gramático-histórica (remanescente da reforma protestante) e crítica-histórica (procedente do positivismo do século XIX). Percebemos este fato na literatura exegética adotada pela maioria dos seminários teológicos brasileiros. Citamos duas obras principais: *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*¹⁶ e *Manual de Exegese Bíblica – Antigo e Novo Testamento*¹⁷. A primeira obra deixa claro, na sua parte introdutória, que:

O método histórico-crítico será o método priorizado no presente manual. É o método mais usado em análises diacrônicas da Bíblia. Denomina-se método

¹⁴GADAMER, 1997, p. 287.

¹⁵RICOUER, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.

¹⁶WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Paulo: Paulus: São Leopoldo: Sinodal, 1998.

¹⁷STUART, Douglas; FEE, Gordon. D. *Manual de Exegese Bíblica – Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

“histórico-crítico” pelas seguintes razões: A) é um método histórico, em primeiro lugar, porque lida com fontes históricas que, no caso da Bíblia, datam de milênios anteriores a nossa era. Em segundo lugar, porque analisa estas mesmas fontes dentro de uma perspectiva de evolução histórica, procurando determinar os diversos estágios da sua formação e crescimento, até terem adquirido sua forma atual. E, em terceiro lugar, porque se interessa substancialmente pelas condições históricas que geraram essas fontes em seus diversos estágios evolutivos. B) é um método crítico no sentido que necessita emitir uma série de juízos sobre as fontes que tem por objeto de estudo. A “crítica” usada neste sentido foi, em seus inícios, uma crítica dirigida contra a interpretação alegórica da Bíblia na Idade Média, em favor, sobretudo, de um aprofundamento do seu sentido literal. Os reformadores adicionaram a essa crítica ainda uma outra, que visava relativizar as interpretações bíblicas oferecidas pela tradição eclesiástica. Isto levou à convicção de que a Bíblia devia ser interpretada unicamente a partir de si própria.¹⁸

O autor do manual justifica esta abordagem lembrando que “na atualidade, o método caracteriza-se, sobretudo, por ser eminentemente racional e insistentemente questionador”¹⁹. Neste sentido, o método crítico-histórico é essencialmente objetivo/racional, carregando consigo a herança positivista que só é verdadeiro “o que estava de acordo com a razão e que podia ser deduzido e explicado racionalmente.”²⁰

A segunda obra (*Manual de Exegese Bíblica – Antigo e Novo Testamento*) é marcadamente uma hermenêutica/exegese baseada no modelo gramático-histórico, o que se torna evidente, nos pressupostos estabelecidos pelos seus autores:

(1) Que junto com o Antigo Testamento, o Novo Testamento é escritura sagrada, Palavra de Deus dada a seu povo para que viva em comunhão dentro da comunidade da fé; (2) que Deus falou sua palavra por meio de autores e textos humanos; 3) que os textos

¹⁸WEGNER, 1998, p. 17, 18.

¹⁹WEGNER, 1998, p. 18

²⁰WEGNER, 1998, p. 18

bíblicos em si refletem um nível detectável de intencionalidade divina e humana; e (4) que a tarefa da exegese é entender a intenção divino-humana instalada no texto, não como uma tentativa de controlar o texto mas de forma que a palavra possa levar seus leitores ao verdadeiro objetivo do texto: obediência.²¹

Fica evidente que os dois modelos exegéticos se baseiam, exclusivamente, no exame do texto. Ambos são baseados no paradigma racionalista explicativo, onde a investigação histórica/gramatical/crítica fornecerá a verdadeira interpretação do texto. O que difere os dois modelos é somente a questão da procedência do texto (conteúdo), sendo que o crítico-histórico considera a fonte do texto, humana e o gramatical-histórico, considera o texto como inspirado (origem divina). Não obstante e apesar de reconhecermos a influência de outras hermenêuticas como de Paul Ricoeur em alguns círculos hermenêuticos, entretanto, são de pouca expressão teológica/religiosa/eclesialística, limitando-se a guetos acadêmicos localizados.

Por tudo isto, acreditamos que dentro de um devir histórico, a hermenêutica fenomenológica/compreensiva de Dilthey, ainda não recebeu a atenção devida, no espaço bíblico/teológico da igreja cristã brasileira. E, por isto, não seria interessante em termos de abordagem hermenêutica, saltarmos para as abordagens mais recentes, como os novos paradigmas interpretativos propostos por Gadamer e Ricoeur, uma vez que a hermenêutica fenomenológica de Dilthey é retomada por Ricoeur, ao retornar a “polêmica sobre a distinção entre compreender e explicar (...) em seu artigo *explicar e compreender*²², como por Gadamer, na sua obra *Verdade e Método*.²³

2. Proposta de um novo paradigma hermenêutico

²¹STUART; FEE, 2008, p. 367.

²²NALLI, Marcos. Paul Ricoeur, leitor de Husserl. Revista *Trans/Form/Ação*, vol.29, no.2 Marília 2006

²³Conforme referência 12.

A fim de dar visibilidade a abordagem hermenêutica diltheyana, tomaremos como base, um texto escriturístico emblemático, que é a passagem bíblica da carta aos Hebreus, no capítulo quatro, verso doze: “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração”.²⁴ Observamos que na leitura do texto, este se propõe a ser uma suma hermenêutica das Escrituras, no seu todo. A afirmação do autor de que “a palavra de Deus é viva e eficaz” é hermenêuticamente conclusiva e generalizante em relação ao conteúdo/assunto tratado no seu escopo geral.

Diante disto, o texto aqui sugerido, demonstra ser apropriado para estabelecermos considerações sobre a hermenêutica geral dos textos sagrados das Escrituras (Bíblia). Logo o paradigma interpretativo encontrado aqui (no próprio texto) é baseado na autoridade interna das Escrituras, ou seja, o que as Escrituras dizem acerca de si mesmo. Feitas estas considerações prévias e não fazendo um juízo de valor sobre aspectos dogmáticos como infalibilidade e inerrância das Escrituras, contentaremos em, apenas, enunciar os pressupostos hermenêuticos básicos dos métodos gramático-histórico e crítico-histórico. Isto se faz necessário, antes de introduzir a proposta hermenêutica de Dilthey, porque os dois métodos (gramático-histórico e crítico-histórico) estão historicamente presentes na práxis teológica das igrejas reformadas e históricas²⁵. O método gramático-histórico (de herança da reforma protestante) estabelece como parâmetros principais, para a interpretação bíblica, os seguintes postulados:

²⁴ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia Sagrada – Carta aos Hebreus*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, capítulo 4, versículo 12.

²⁵As igrejas reformadas são aquelas oriundas do primeiro momento da reforma protestante, como é o caso dos Luteranos e Presbiterianos. As igrejas, chamadas, históricas são igrejas que se estabeleceram num segundo momento da reforma e que existem há centenas de anos. Como exemplos de igrejas históricas temos os batistas e os metodistas.

- 1) As Escrituras são o registro histórico-profético inspirado e autoritativo da revelação divina (...);
- 2) Deve-se considerar o sentido literal e histórico do texto. Qualquer sentido espiritual deve fundamentar-se no sentido literal e histórico (...);
- 3) O propósito do expositor com relação ao texto é descobrir o seu sentido e não atribuir-lhe sentido.²⁶

Já o método crítico-histórico, enxerga os textos das Escrituras como uma obra literária, meramente humana (não inspirada divinamente), estabelecendo como parâmetros para uma boa hermenêutica:

- 1) Racionalismo: A razão substitui a revelação como força de autoridade. O sobrenatural é rejeitado e a razão é estabelecida como critério supremo da verdade (...);
- 2) Historicismo: As Escrituras não são o registro inspirativo da revelação divina, mas o registro histórico das ideias e aspirações religiosas humanas;
- 3) Objetivismo: A Bíblia deve ser estudada de modo objetivo e livre de pressuposições se dogmas teológicos.²⁷

O que se percebe nos dois paradigmas hermenêuticos é uma abordagem isolacionista/objetivista, uma vez que nos seus pressupostos se percebe a exigência de “separação entre sujeito e objeto no processo de pesquisa, como também, completa suspensão dos valores do pesquisador no processo de pesquisa”.²⁸ Os dois modelos não levam em conta a interação texto/leitor no processo interpretativo. O texto é a única fonte de interpretação. Neste sentido a hermenêutica praticada é racionalista/positivista com relação á forma (método), diferindo, somente quanto ao conteúdo (texto), uma vez que o gramático-crítico acredita que o texto é produto divino-humano, enquanto o crítico-histórico considera o texto bíblico, uma produção literária, absolutamente, humana.

²⁶ANGLADA, 2006, p. 63, 64.

²⁷ANGLADA, 2006, p. 54

²⁸CAMARGO, José Carlos Godoy; ELESBÃO, Ivo. O problema do método nas ciências humanas. *Mercator - Revista de Geografia*, ano 03, n. 06, p. 07 - 18, 2004.

Nossa discussão não comporta um debate sobre o conteúdo (se o texto é inspirado²⁹ ou não), mas preocupa-se, apenas, em discutir os métodos, vez que os dois modelos reproduzem a metodologia explicativa do racionalismo/empirismo/positivismo. Não há uma abordagem fenomenológica/vivencial, e por isto, passamos a propor uma hermenêutica fenomenológica vivencial do texto da Carta aos Hebreus (capítulo quatro, verso 12), nos parâmetros diltheyanos.³⁰ Mas, antes de entrarmos no mérito desta abordagem, vamos reproduzir o texto selecionado: *Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.* Consideremos, então, o que está proposto no texto:

A) As Escrituras (palavra de Deus) são vivas, dinâmicas e atuantes;

b) Ela é dotada de poder para romper barreiras (cortante) e por isto ela transcende realidades e espaços;

c) Ela alcança regiões profundas (alma e espírito; juntas e medulas);

d) Ela tem o poder de perscrutar o interior do leitor. O texto lê o leitor, em outras palavras.

Considerando o texto em si e da auto-hermenêutica que ele realiza, havemos de convir que os métodos gramático-histórico e crítico-histórico, com sua ênfase metodológica no método explicativo, não dariam conta de uma hermenêutica que propõe interação entre leitor e texto. Sabemos que o método explicativo abstrai e isola o objeto/texto/fenômeno. Neste caso, não é o que se verifica neste texto, uma vez que ele tem autonomia (a palavra é viva), é ativo e dinâmico (cortante e penetrante) e é cognoscente, porque lê o leitor (discerne pensamentos).

²⁹A inspiração (do grego *theopneustos* – literalmente, soprado por Deus) é uma doutrina pétrea do modelo gramático-histórico, enquanto o crítico-histórico não admite que a Bíblia é de inspiração divina.

³⁰Em referência á Wilhelm Dilthey, considerado o precursor da Hermenêutica Fenomenológica, nas ciências sociais.

Percebemos que o texto é dotado de um dinamismo e profundidade que transcende a relação leitor cognoscente/texto cognoscível, uma vez que há uma interatividade entre texto lido/e que lê; e leitor que lê/e é lido. Existe uma comunhão entre texto e leitor que é viva, dinâmica e eficaz. Uma hermenêutica gramático-histórica e/ou crítico-histórica não contempla esta interação, porque o texto é interpretado, exclusivamente, a partir de si próprio e nunca da proposta de comunhão entre objeto/texto e sujeito/leitor. Desta forma, o texto da Carta aos Hebreus (cap. 4, verso 12) exige mais do que uma explicação histórico-crítico-gramatical, pois o texto tem uma interface com o leitor e, portanto, precisa ser *compreendido* e não somente *explicado*. Abre-se a porta para uma abordagem fenomenológica/vivencial, por assim dizer, mais sistêmica e compreensiva.

3. Pressupostos da abordagem hermenêutica diltheyana

Dilthey propõe uma hermenêutica que está sempre a caminho, “que se mantém permanente em todo o transcurso da vida e em meio a todas as transformações”³¹, ou seja, a hermenêutica é sempre uma tarefa inacabada. É uma interpretação que se constrói no caminhar. Por isto, Dilthey sugere um tratamento diferenciado para as ciências sociais que precisam desenvolver-se baseadas na “conexão entre a ciência e a vida”³² e não num fracionamento de uma realidade abstraída do todo.

A ideia de uma imparcialidade científica absoluta não existe na hermenêutica da vivência, uma vez que “historiadores, estudiosos da economia nacional, professores de direito público, pesquisadores da religião tomam parte na vida, eles também querem influenciá-la.”³³ Por tudo isto, todo

³¹DILTHEY, Wilhelm. *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 20.

³²DILTHEY, 2010, p. 96.

³³DILTHEY, 2010, P. 97.

conhecimento que se pretende objetivo, parte de uma subjetivação, uma vez que “a ciência não existiria se a vivência interna e a experiência interna não existissem.”³⁴

A hermenêutica diltheyana parte de uma conexão interna e externa entre a vida e o conhecimento, que ele chama de vivência, que é a base do método compreensivo. Para o método compreensivo “a compreensão pressupõe um vivenciar”³⁵ e este vivenciar tem como ponto de partida um primeiro olhar subjetivo sobre o objeto ou sobre o fenômeno. Neste sentido, o conhecimento se estabelece na comunhão entre objeto e sujeito/pesquisador.

A hermenêutica diltheyana é sistêmica e não fragmentada, ela envolve o geral, ou seja, abarca todos os elementos envolvidos no processo. Esta comunhão entre objeto e pesquisador, e em nosso caso, entre texto e intérprete potencializa as partes envolvidas. Esta abordagem “sistêmica começou, na segunda metade de nosso século, a minar progressivamente a validade de um conhecimento reducionista.”³⁶ Percebeu – se que, que estruturas isoladas não apresentam determinadas características, ao passo que quando submetidas a interação/comunhão estas se manifestam, daí deduz-se que “um todo é mais que o conjunto das partes que o compõem.”³⁷

A comunhão entre texto e intérprete é o cerne da hermenêutica diltheyana. Observa-se que o texto selecionado para esta abordagem³⁸ expõe esta comunhão, quando afirma que a palavra de Deus é “apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (καὶ κριτικὸς ἐνθυμήσεων καὶ ἐννοιῶν καρδίας)³⁹. Fica claro que a palavra está interagindo como o

³⁴DILTHEY, 2010, p. 162.

³⁵DILTHEY, 2010, p. 103.

³⁶MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

³⁷MORIN, 2003, p. 26, 27

³⁸Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hebreus 4.12).

³⁹ALAND, Barbara et tal. *The Greek New Testament*. 4th ed. Federal Republic of Germany : United Bible Societies, 1993, c1979, S. 568

leitor/intérprete. Resumidamente, o intérprete está sendo interpretado, também, pelo texto.

Esta abordagem fenomenológica/vivencial/comunal não é esboçada dentro dos dois métodos tradicionais da hermenêutica cristã (gramático-histórico e crítico-histórico), sobretudo, no ambiente das igrejas reformadas e históricas. Os dois modelos, metodologicamente falando, propõem uma hermenêutica que parte do texto e se limita ao texto, não havendo possibilidade de uma ação interpretativa mediada pela comunhão entre texto e intérprete. A interpretação do texto, dentro destes dois paradigmas, será sempre baseada no que o texto quer dizer, nunca o que o texto em comunhão (κοινωνία - associação, parceria, sociedade, interatividade) com o leitor/intérprete pode dizer.

A proposta hermenêutica de Dilthey, diferentemente, destes dois modelos hermenêuticos, é fundada na comunhão entre o texto e o intérprete e “a partir dessa comunhão, tudo aquilo que é compreendido porta em si, por assim dizer, a marca de algo conhecido.”⁴⁰ A hermenêutica diltheyana, neste sentido, só cumprirá seu papel interpretativo se o leitor e o texto estiverem numa vivência/comunhão, pois é necessário conservar uma conexão entre a ciência e a vida.

A hermenêutica Diltheyana evita a fragmentação da análise exegética dos métodos gramático-histórico e crítico-histórico, pois é certo que a “inteligência que só sabe separar, fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional.”⁴¹ A proposta é gerar conhecimento a partir de uma vivência que se estende ao longo da vida, que não abstrai e nem isola o texto da realidade da vida do leitor, que não gere uma interpretação que “atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo.”⁴²

Conclusão

⁴⁰DILTHEY, 2010, p. 110.

⁴¹MORIN, 2003, p. 14.

⁴²MORIN, 2003, p. 14.

É evidente que cada modelo hermenêutico surge dentro de um contexto histórico, e não raro, como reação ao modelo interpretativo dominante. Assim aconteceu com o gramático-histórico que surgiu, no século XVI, no alvorecer da reforma protestante, e que foi uma “rejeição da interpretação alegórica escolástica medieval”⁴³, que, até então, era o paradigma interpretativo dominante. Igualmente, aconteceu com o método crítico-histórico, que nasceu como crítica às fontes textuais bíblicas, consideradas inquestionáveis pelo modelo gramático-histórico. Desta forma, o criticismo histórico vai considerar a Bíblia “como um registro do desenvolvimento evolucionista da consciência religiosa de Israel (e mais tarde da Igreja)”⁴⁴, rejeitando “as doutrinas reformadas de inspiração, autoridade, inerrância e preservação das Escrituras.”⁴⁵

Não obstante este contexto revolucionário e reacionário do surgimento dos paradigmas hermenêuticos, há de se convir que seja possível pensar num certo sincretismo metodológico, no que diz respeito à interpretação do texto sagrado. Podemos pensar nestes termos porque o que se verificou, é que o texto bíblico não se esgotou, hermeneuticamente falando, ao longo destas escolas de interpretação. Aliado a este fato, temos a convicção de que “numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica”.⁴⁶

Pensando assim, acreditamos que a abordagem hermenêutica de Dilthey arejaria as duas escolas consideradas (gramático-histórica e crítica-histórica), no sentido de oferecer uma interpretação vivencial/humana/subjetiva/imaginativa, pela possibilidade da comunhão do texto com o intérprete. A abordagem diltheyana não seria reacionária nem substitutiva aos dois modelos, mas complementar à exegese realizada pelos

⁴³ANGLADA, 2006, p. 74

⁴⁴VIRKLER, A. Henry. *Hermenêutica: Princípios e Processos de Interpretação Bíblica*. São Paulo, Vida, 1987.

⁴⁵ANGLADA, 2006, p. 54

⁴⁶SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 78.

mesmos. Neste sentido, a *transgressão metodológica* proposta, seria a possibilidade de uma abordagem mais psicologizante, que não se limite á frieza da letra (gramatical/literal), nem ao historicismo da narrativa (histórica), nem ao racionalismo empedernido (criticismo).

A pertinência do modelo hermenêutico de Dilthey se faz sentir, também, em face dos tempos pós-modernos, tendo em vista a complexidade da vida e das relações em um mundo globalizado, interconectado e super-povoado. Não seria inoportuno lembrar o que Pascal disse a respeito da necessidade de estabelecer conexões entre as diversas partes deste todo:

Como todas as coisas são causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e todas são sustentadas por um elo natural e imperceptível, que liga as mais distantes e as mais diferentes, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes.⁴⁷

Neste sentido, abordagens hermenêuticas que não tenham um olhar holístico, tendem a produzir interpretações isoladas da realidade vivencial/cotidiana do leitor/interprete. A ciência da idade moderna, que nasceu para explicar os objetos e os fenômenos de forma objetiva e racional, foi denunciada desde o final do século XIX, como incapaz de abarcar o processo de compreensão da realidade. Isto se torna evidente, á medida que “não reconhecemos esse mundo exterior por força de uma conclusão que parte dos efeitos para as causas ou por força de um processo que corresponde a essa conclusão.”⁴⁸ Hoje, sabemos que tudo que racionalizamos, passa primeiro por uma subjetivação interna, e, desta forma é razoável admitir que a hermenêutica diltheyna demonstra que a apreensão de conhecimento não é possível á margem da vivência, logo, “o indivíduo vivencia, pensa e age constantemente em uma esfera própria ao que é comum e somente em tal esfera ele compreende.”⁴⁹

⁴⁷PASCAL, Blaise, *Pensamentos*, apud, MORIN, 2003, p. 9.

⁴⁸DILTHEY, 2010, p. 7

⁴⁹DILTHEY, 2010, p. 110.

Por tudo isto, podemos dizer que a perspectiva de comunhão entre leitor e texto, esboçada na passagem supra – citada da carta aos Hebreus, está alinhada com a proposta hermenêutica compreensiva, uma vez que para Dilthey, a comunhão/vivência é a conexão necessária entre a realidade do objeto e a do sujeito. Nesta esteira de pensamento, admite-se, então, que a hermenêutica bíblica não pode prescindir de uma abordagem fenomenológica, e que os métodos gramático-histórico e crítico-histórico não são suficientes para uma interpretação abrangente e conectada com a realidade do leitor/intérprete.

Conclusivamente, havemos de convir que a proposta de uma hermenêutica compreensiva/vivencial/relacional das Escrituras Sagradas, é facilmente perceptível na estrutura dos textos bíblicos, como em passagens do Velho Testamento como esta no livro do profeta Jeremias: “Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração, pois pelo teu nome sou chamado, ó SENHOR, Deus dos Exércitos.”⁵⁰ Ainda, em passagens do Novo Testamento, como a que se segue: “Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”.⁵¹ Portanto, acreditamos na validade da proposta de uma hermenêutica compreensiva/vivencial para um gênero de texto que arroga ser vivo, penetrante e cognoscente⁵².

Referências

⁵⁰ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia On Line 3.0, Módulo Avançado – Livro de Jeremias*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, cap. 15, v. 16.

⁵¹ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia On Line 3.0, Módulo Avançado – Livro de Mateus*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, cap. 4, v. 4.

⁵²Texto cognoscente no sentido de funcionar como sujeito conhecedor/pesquisador/interpretante do leitor. Em suma, texto que lê o leitor.

ALAND, Barbara et al. *The Greek New Testament*. 4th ed. Federal Republic of Germany: United Bible Societies, 1993, c1979, S. 568

ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia Sagrada – Carta aos Hebreus*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia On Line 3.0, Módulo Avançado – Livro de Jeremias*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, cap. 15, v. 16.

ALMEIDA, João Ferreira. *Bíblia On Line 3.0, Módulo Avançado – Livro de Mateus*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, cap. 4, v. 4.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à Hermenêutica Reformada*. Ananindeua, Knox Publicações, 2006.

CAMARGO, José Carlos Godoy; ELESBÃO, Ivo. O problema do método nas ciências humanas. *Mercator - Revista de Geografia*, ano 03, n. 06, p. 07 – 18, 2004.

DILTNEY, Wilhelm. *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

DILTNEY, Wilhelm. *Introdução às Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método - Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1997, p. 274.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NALLI, Marcos. *Paul Ricouer, leitor de Husserl*. Revista Trans/Form/Ação, vol.29, no.2 Marília 2006

RICOUER, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.

Rosa Mendonça de Brito e tal. A hermenêutica e o processo de construção do conhecimento. *Revista Dialógica*, vol.1, n.3, 2007, p. 1 – 12.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 78.

STUART, Douglas; FEE, Gordon. D.. *Manual de Exegese Bíblica – Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Paulo: Paulus: São Leopoldo: Sinodal, 1998.

VIRKLER, A. Henry. *Hermenêutica: Princípios e Processos de Interpretação Bíblica*. São Paulo, Vida, 1987.